

Notable maximalists

André Domingues (2017)

dobra

A dada altura alguém perguntou se aquilo era um bar ou um submarino. Todos riram, mas ninguém respondeu. A vida flutuava numa leve incidência de golpes e analogias. O Verão tinha chegado com extrema antecedência, e as pernas das mulheres resplandeciam. Os nossos olhares afundavam decotes, levantavam suspeitas, orlas de vestidos; tentavam, por assim dizer, alterar as leis que obrigavam que a manhã emergisse por detrás daquelas paredes, sempre tão pálida e deserta. Para alguns, a noite reservava ainda as últimas surpresas. Mesmo à nossa frente, uma magnífica morena dançava com impaciência de pérola. A luz de um foco incidia directamente num coração que estava impresso no seu finíssimo vestido. Era a visão mais próxima de um êxtase. Durante algum tempo fiquei preso àquela cena, à espera que o coração se incendiasse ou fosse trespassado pelo dardo ardente de algum anjo mais atrevido. Mas nada aconteceu. A mulher continuava a dançar. A música perfurava o seu instinto. No fundo, quem estava a ser trespassado era eu, mas por um significado secreto, por uma nova representação que teimava em ampliar de forma absolutamente involuntária e excessiva a realidade da primeira. E aquele feixe de luz não era senão uma representação também: a do meu intolerável desejo de tocar num coração simulado qualquer, o desejo de produzir em mim mesmo uma espécie de noite contínua.

A maioria dos passageiros não disfarçava uma desdenhosa alegria, um triunfo de véspera. À baixa profundidade a que ainda viviam, a luz continuava a ser o seu principal elemento. Eram jovens, muito jovens até, e por isso os seus sorrisos eram belos e propícios. Focavam e desfocavam pessoas e objectos. Estavam particularmente interessados em defender o reconhecimento da sua soberania, apesar de já manifestarem uma certa dificuldade em manter a definição das fronteiras. Formavam lagos exultantes à volta de um tema. Quando esse tema se exauria, viravam costas e dirigiam-se ao balcão para beber.

O álcool tornava mais explícita a livre circulação de pessoas, bens e mercadorias e, não raras vezes, a noção de decoro escapava da sua gaiola inerente: assim

que isso acontecia, uma gargalhada caía como um meteorito num campo de alfazema; um gesto permanecia ampliado e suspenso no ar durante mais tempo do que o previsto; uma vertigem ilustrava, num só instante, a vida inteira.

A nossa mesa ficava a um canto, na última sala, e a morena já tinha desaparecido. A música era pura turbulência. Íamos todos morrer. Os meus amigos estavam visivelmente envelhecidos, mas continuavam a acreditar em ciclos de rejuvenescimento. Falavam e falavam sem freio. Às vezes deixava simplesmente de os ouvir, porque estava entretido com outra analogia. Eles já sabiam como eu era. Conheciam-me há demasiado tempo. Diziam que eu vivia numa torre como viveu Montaigne. Eu olhava para eles lá de cima, para os meus amigos de sempre, e isolava do som as suas expressões e os seus gestos, e isso era terrível. De repente, já não lhes concedia qualquer grandeza, só via o lado doloroso e grotesco das suas réplicas, o rosto dispendioso de cada um deles a vociferar silenciosamente uma série de advertências sentidas contra o meu indisfarçável desinteresse.

Pertencíamos todos a uma família ardente, inconcebível, insuportável na sua inviolável tristeza, e aquele instante merecia ser fixado numa fotografia, na qual, mais tarde ou mais cedo, eu trataria de aplicar alguns efeitos. Cobia-me a mim – sempre a mim – narrar a nossa ruína, o nosso descenso, o nosso descrédito. Cobia-me a mim expulsar do paraíso o fingimento que há tantos anos tinha vindo a enfraquecer um laço que todos teimávamos em fazer perdurar, como um troféu oxidado e amarelecido. Cobia-me a mim avisar a tripulação de que o barco se afundava a uma velocidade relativamente aflitiva e que o facto de estarmos todos a bordo naquele momento podia constituir, por si só, um feito inédito nas nossas biografias, bastando, para isso, que todos estivéssemos conscientes do que nos estava (ou não estava) a acontecer.

O meu demónio analítico estava, aliás, particularmente activo naquela noite e captava no ar as mais ínfimas imprudências: ligeiras distorções de voz (causadas pelo excesso em toda a sua precipitada doutrina); as réplicas de um misterioso sismo com origem numa inesperada falha no conhecimento; um tique que teimava em sabotar o fluxo discursivo e assumia uma posição de claro desacordo em relação às facilidades do verbo. Julgo que eles começaram a detestar-me exactamente por isso. Eu sabia apontar, como ninguém, os pontos álgidos no mapa minucioso das nossas feridas. Através de técnicas de exacerbação sensitiva, que eu tinha vindo a experimentar nos últimos tempos, o

mundo parecia-me cada vez mais uma onda de infatigável recorrência: o domínio absoluto do espaço enquanto elemento cénico, que tanto me tinha entusiasmado noutros tempos, dava-me agora uma ligeira náusea pela previsibilidade quase eucarística dos seus protagonistas. Toda a gente queria ser rei. Mas ninguém era suficientemente irrealista, como que para doar os seus extintos privilégios. Por mais longe que estivesse da realidade objectiva, não havia forma de me convencerem de que a noite devia ser vivida com a ingenuidade da primeira vez. Nem da segunda. Nem da terceira. Já não tínhamos como simular o génesis.

Em certa medida estávamos mais mortos do que vivos. E para isso eu tinha uma teoria: acreditava que alguns dos nossos mais preciosos componentes estavam a ser misteriosamente substituídos por outros de qualidade inferior, enquanto a mente deambulava por idades inertes e irrecuperáveis fascínios, e o corpo andava às voltas com um problema técnico de projecção ou contracção do seu próprio conceito. Era isso. Estávamos todos com os níveis de energia no mínimo e por isso errávamos nos métodos. Há quanto tempo tínhamos perdido o direito à nitidez?

Entretanto, a música crescia aparatosamente e as pessoas reagiam aos seus impactos celestes com esgares de peregrino. Lábios entreabertos, pálpebras descaídas, movimentos extrafinos que lhes permitiam transitar, de um momento para o outro, para um diferente estado da matéria. A sala estava cada vez mais cheia. Como a conversa não parecia fluir, um de nós – já não recordo exactamente quem – referiu-se à forma muito pouco inocente como os espanhóis pronunciavam a palavra “inocência”, depois de terem entrado na sala cinco ou seis miúdas histéricas, que falavam o idioma de Cervantes com ignóbil competência, apesar de serem oficialmente nativas. Lembro-me perfeitamente como lhes reprovámos, com palavras altas e severas, o seu comportamento eléctrico e pueril. Rapidamente, porém, todas as considerações depreciativas se dissolveram na contemplação ardilosa dos seus corpinhos insurrectos, e o perfume que se adivinhava por debaixo das saias reduzidas reavivou velhas poses de conquista, que nada tinham a ver com as tendências do novo século. A partir de uma certa profundidade, era inevitável, a fruta amadurecia muito depressa e a agressividade ficava iluminada por dentro. Sentia-se a atmosfera pesada de desejos imensos por cumprir.

Durante uns minutos mergulhámos numa nuvem densa de nostalgia. A música caía em forma de espessos aguaceiros sobre as nossas cabeças. A sensação de inépcia trazia consigo um ligeiro encantamento infantil. Não havia um fio de gratidão naquela gente e ninguém era digno de verdadeiro respeito; a manhã aproximava-se como um espelho e os nossos olhos haveriam de afogar-se por detrás de uma película de cinza; em breve, assistiríamos à total expropriação da luz que o rosto, cada vez com mais dificuldade, produzia. Um ligeiro torpor tinha alcançado a nossa mesa.

Foi o Francisco (ou o Gabriel?) que rompeu essa sonolência com um grito? Mesmo ao meu lado, na parede, estava uma centopeia que, de um momento para o outro, evoluiu para uma pavorosa cicatriz. Quando vi aquela coisa a menos de um palmo de mim, assustei-me, de tal forma que a minha primeira reacção foi sugerir que saíssemos o mais depressa dali. A chacota foi geral. Eles acreditavam que o meu medo era desproporcionado, porque eram incapazes de efectuar a transferência de informação necessária para que o mundo se abrisse. Por mais que eu lhes explicasse que nada era tão óbvio como parecia, e que a realidade estava envenenada de falsas certezas, eles continuavam a ver apenas uma anódina centopeia na parede de um bar e nunca iriam compreender o perigo que representava uma cicatriz no casco de um submarino.

Procurei, em vão, demonstrar-lhes o aziago poder que a palavra “cicatriz” encerrava em si. Tentei acrescentar um ingrediente de sucesso à lista já longa de achegas radiosas e amostras gratuitas de sabedoria. A palavra “cicatriz”, disse eu, pronunciada em espanhol ibérico, faz-me sempre lembrar uma serpente. Reparem (e soletrei, a língua contra os dentes numa sugestão de sofisma): ci-ca-triz. Depois, fiquei alguns segundos paralisado, com a língua entre os dentes, até que o fio de ar saísse de uma vez por todas pela minha boca. Devo ter ficado com uma expressão muito ridícula, já que ninguém se dignou esboçar sequer um sorriso; apercebi-me – isso sim – que estava cercado por três pares de olhos que misturavam compaixão e aturdimento, raiva e superficialidade. Por isso, e como o impasse não se resolvia, levantei-me, virei-lhes as costas e dirigi-me ao balcão para beber.

No corredor que unia as duas salas a circulação ficou temporariamente interrompida. Havendo más condições de visibilidade, onde é que a paragem e o estacionamento estavam proibidos? Ninguém sabia ao certo. Perto de um sinal

de cedência de passagem, uma mulher inacessível oferecia-se às trovas instantâneas de um careca. Eu e mais dois tipos estrangeiros ficámos parados à espera que a exibição se diluísse, mas os amantes pareceram ainda mais excitados quando deram pela nossa presença e continuaram a desviar a delicadeza para fora dos seus limites, como se a ousadia fosse, por si só, um certificado das suas obras no tempo. Havia uma fila imensa atrás de mim. Do outro lado também. De vez em quando o rosto da mulher vinha à superfície e o olhar dela rasgava a realidade com indiferença. Não sei quanto tempo ali estivemos. O tipo que estava atrás de mim começou a enrolar um cigarro e a balbuciar qualquer coisa num antigo idioma etílico que combinava obscenidades, imprecações, sílabas desfeitas. A mulher que estava à frente, na outra fila, acariciava o telemóvel a um ritmo impressionante, depois de ter fotografado de mil e uma maneiras as suas gigantescas garras de gel. Ficamos assim. Numa espécie de eterna condescendência. Sem desejo. Até que um empregado, que vinha em sentido contrário, resolveu finalmente interceder, e a muito custo os amantes desactivaram por breves instantes os seus ímanes.

No final do corredor, a outra sala explodia. Toda a gente num grande alvoroço, resgatando gestos de natação sincronizada de antigos compêndios de anatomia e dilatando os sorrisos cansados até à evanescência. Dentro e fora de si mesmas, algumas pessoas beijavam o ar com a ferocidade do último dia, criando pontos de conflito respiratório, mastigando longas orações subordinadas pelas palavras de amor que as letras das canções expeliam com sentido de oportunidade e urgência. Os dois estrangeiros continuavam em fila indiana, à minha frente, mas a afluência junto ao balcão era tal que não houve outro remédio senão fazerem uma pausa no único recanto onde parecia ainda ser possível a vida na Terra. Lembro-me de que o fluxo era, de facto, desmedido, mas eu estava mesmo a precisar de beber. A enchente transportava o meu corpo de um lado para o outro. Não havia uma fila legítima de gente que esperava parcimoniosamente para ser atendida, mas uma mancha disforme de corpos que se debatia para permanecer à tona de um civismo sofrido, braços no ar, olhos eclipsados de névoa, agitando na mão o cartão de consumo e a ânsia de rápido salvamento.

A música investia contra as paredes de pedra a sua tenacidade taurina e com a expressividade de um títere eu ia suportando a pressão que a massa humana exercia contra o meu peito. Restos de bebidas entornadas no chão tornavam

cada vez mais difícil a aderência e havia momentos em que sentia perder completamente o pé e era arrastado com a corrente para mais longe da costa, quero dizer, para mais longe do sítio onde era suposto haver alguma espécie de alívio. Numa dessas ásperas movimentações, olhei para a porta de entrada e fiquei atônito quando vi que continuava a entrar gente. Comentei com um impávido passageiro qualquer coisa a propósito do perigo de sobrelotação dos velhos submarinos, mas o homem ignorou-me e continuou com o olhar fixo no balcão. A muito custo tentei virar-me para trás, ponderando voltar sem a bebida para a sala onde estavam todos à minha espera, mas apercebi-me de que já não era possível.

Vasculhei com dificuldade o meu bolso e o telemóvel reagiu. Duas chamadas não atendidas do Francisco e uma mensagem do Gabriel. A mensagem do Gabriel era clara e sucinta: “Então, perdeste-te?” Tinha sido enviada há duas horas. Afinal, quanto tempo tinha passado desde que eu me tinha separado deles? Fiquei aflito. Havia gente a dançar a uma profundidade inaudita em cima do balcão e das mesas. A música continuava a crescer. Podia adivinhar os seus dentes. Tentei ligar para o Gabriel, depois para o Francisco, e finalmente para o Pedro. As chamadas não se constituíam. Perguntei ao mesmo tipo que me tinha ignorado se podia fazer uma ligação rápida do seu telefone, era muito importante, era mesmo preciso, mas ele não demonstrou um pingão de amabilidade e nesse mesmo instante avançou com uma destreza primitiva para o pobre coitado que estava à sua frente. O homem foi abalroado com tal violência que caiu. Quando, por fim, experimentava pôr-se novamente de pé, o outro derrubou-o de vez, e depois de lhe chutar várias vezes a cabeça subiu para cima dele e começou a reivindicar a sua bebida, hasteando a bandeira da vitória, que se despregou um pouco acima do seu sorumbático sorriso.

Gerou-se o espaço possível. Não houve tempo para grandes constrangimentos. A mancha reconfigurou-se muito depressa. Ao meu lado, apareceu um gorila que mimetizou o comportamento do outro e esmagou duas almas contra o peito. Pude ver os seus rostos desvanecerem numa lenta asfixia e logo a seguir os seus corpos dobrarem-se numa vénia desmedida até chegarem ao chão com uma graciosidade pungente. Também ele calcou as suas vítimas e com isso ganhou alguns centímetros extra, avançando dois ou três passos à custa da onda de pânico causada, à sua volta, nos outros passageiros. Um miúdo com cara de boneco de cera que estava a dançar em cima de uma das mesas

conseguiu acertar-lhe com um copo na cabeça. Mas o gigante era soberbo e o sangue já não o enternecia. Uma diminuta clareira formou-se em jeito de arena e alguns quiseram fazer-lhe frente. Alguém tinha aumentado o volume da música a um ponto nunca visto. O barulho dos gritos e a estridência do medo juntavam-se agora às guitarras agrestes e ao troar inconfundível das mesas e das cadeiras arrastadas pelo chão e atiradas contra as paredes. O gigante levava a melhor, mas na equipa adversária crescia uma solidariedade faminta. Eu não podia acabar ali. Tentei perfurar a muralha e dirigir-me para a saída, mas bastou-me dar alguns passos para perceber que o esmagamento era por demais intuitivo. Os corpos chocavam entre si, alguns perdiam os sentidos e desapareciam em si mesmos. Onde estariam os meus amigos naquele momento? A imagem dos seus crânios destruídos, os olhos desorbitados, as línguas e os membros mortos e pendentes, incendiou-me por breves instantes o pensamento. Não, não podia ser. Voltei a perfurar alguns centímetros na direcção da porta de saída que parecia cada vez mais distante e ausente. De repente, estaquei diante da morena do êxtase que se mantinha de pé à custa de um copo de gin e de um grupo de abutres que esperava que ela desfalecesse para a poder comer ainda viva. Olhei para o coração impresso no vestido. Era um coração anatomicamente perfeito, mas carecia de realismo. O volume dos seios era tal que o órgão havia sido deslocado do seu eixo. Até quando, pensei, até quando aquela mulher conseguiria aguentar a pressão, a pressão do absurdo dentro do seu peito?

Foi quando o primeiro estrondo se deu. Uma vaga compacta de ruído irrompeu pela consciência. A imagem da noite a atravessar a parede remendada do submarino tornou-se recorrente. Toneladas de um líquido negro e espesso inundaram em poucos instantes todos os compartimentos. Seguiram-se vários tremores que ocuparam a área total da percepção e do presente. Um novo estrondo, de magnitude superior ao primeiro, sugeria que tivéssemos colidido com o fundo. Depois, o silêncio e a escuridão ficaram fixos. Por todo o lado os corpos afundavam, inchados, dobrados sobre si, cheios de vaidade e sossego. Em breve iniciariam o caminho de regresso à superfície.

